

Percepções sobre a escola: o que pensam os estudantes de uma escola pública de Natal?

*Débora Alyce da Silva Matias;
Elidiane Francisca da Silva.*

5

Resumo: Este artigo aborda as percepções dos estudantes sobre uma escola pública do município de Natal, no estado do Rio Grande do Norte (RN). Esta pesquisa desenvolveu-se no âmbito de um estágio curricular supervisionado do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), intitulado “Estágio em Gestão e Coordenação Pedagógica”. Buscou-se levantar e analisar dados acerca do sentido que os alunos do ensino fundamental II dão à escola e às aprendizagens, que constroem nesta instituição educativa, e perceber como o trabalho da gestão escolar dialoga com os anseios dos estudantes e os conflitos que acontecem entre eles. Este trabalho possui abordagem qualitativa e faz uso de pesquisa bibliográfica, documental e etnográfica. O nosso referencial teórico está pautado em Bernard Charlot (1999) e Nilda Alves e Regina Leite Garcia (2004). Justifica-se mediante a necessidade de compreender e compartilhar com a gestão escolar as motivações e significados dados pelos estudantes à escola. Conclui-se que a escola é vista como um espaço de aprendizagem e de transformação social pela maioria do público-alvo da pesquisa, e que a coordenação e a gestão escolar pensam estratégias para atender às necessidades dos estudantes.

Palavras-chaves: Gestão escolar; Motivação; Sentido; Aprendizagens.

Introdução

Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada no estágio curricular supervisionado do curso de Pedagogia da UFRN, intitulado “Gestão e Coordenação Pedagógica” e trata das percepções de escola dos estudantes de uma instituição pública de ensino em Natal-RN. O estágio possui uma carga horária de 100 horas, sendo 60 horas destinadas à orientação na sala de aula. Neste espaço-tempo a professora orientadora instiga problematizações referentes ao papel da gestão e coordenação escolar, bem como dá orientações para o bom encaminhamento das ações na instituição de pesquisa. As 40 horas restantes são destinadas à inserção das estagiárias e estagiários na escola, para ações de observação, participação e colaboração, sob a supervisão de um profissional da gestão ou da coordenação pedagógica, em nosso caso, a gestora administrativa da escola.

É importante ressaltar que compreendemos o estágio curricular supervisionado como ação de pesquisa, pois a docência requer pesquisa, no sentido amplo da palavra, isto é, ser pesquisador não se restringe a possuir bolsas financiadas pelas instituições de fomento (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e outros) à pesquisa ou até mesmo

1. Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: deboralyce@gmail.com

2. Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: elidiane.silva.117@ufrn.edu.br

aos intelectuais que realizam incessantes publicações. Assim, ser docente também é ser pesquisador, uma vez que a prática deste profissional exige buscas, descobertas, criação, construção, interrogação, uso de métodos e etc. Corazza (2011, p. 2) aborda que “todo professor é um pesquisador; possui um espírito pesquisador; entra em devires-pesquisadores, enquanto educa”, mediando a construção do conhecimento pelos alunos.

O estágio supervisionado é dividido em ações de observação, participação e colaboração, respectivamente. Nos momentos de observação foi possível perceber as nuances da função da gestão escolar, principalmente no que diz respeito ao papel da gestora administrativa na escola; nos momentos de participação foi possível contribuir com a construção do Plano de Ação para a atualização do Projeto Político Pedagógico da escola; enquanto que nos momentos de colaboração construímos e implementamos um projeto de ação com vistas a superar as inquietações percebidas nos momentos de observação.

A partir disso, cabe-nos contextualizar a escola em que o estágio foi realizado. A instituição lócus de nossa pesquisa é uma escola da rede pública de Natal-RN, que funciona nos três turnos - matutino, vespertino e noturno, ofertando a Educação Infantil, o Ensino Fundamental I e II e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esta escola possui pouco mais de 400 (quatrocentos) estudantes e conforme informado pelo gestor pedagógico, seu público-alvo caracteriza-se pela vulnerabilidade social. Ademais, alguns estudantes vivem em ambientes conflituosos, ou seja, com familiares agressivos e envolvidos com facções criminosas, conforme relatos dos estudantes e da gestão e coordenação pedagógica.

O nosso estágio foi realizado no turno vespertino, o qual atende crianças e adolescentes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II. Nesse espaço-tempo, observamos que a gestão escolar possui a inquietação de compreender a não motivação dos estudantes para as aprendizagens proporcionadas pela comunidade escolar e o excesso de conflitos que ocorrem entre eles. Compreendendo que a motivação e a não motivação dos estudantes relativas à presença deles na escola perpassa variáveis diversas, incluindo questões culturais, socioeconômicas, psicológicas e modos de funcionamento da comunidade escolar. Portanto, buscamos levantar e analisar dados acerca do sentido que os alunos do ensino fundamental II dão à escola e às aprendizagens que constroem nesta instituição educativa, e perceber como o trabalho da gestão escolar dialoga com os anseios dos estudantes e os conflitos que acontecem entre eles. Esta pesquisa possui abordagem qualitativa de análise de dados e os procedimentos metodológicos são bibliográficos, documentais e etnográficos e o nosso referencial teórico está pautado no conceito da Relação com o Saber de Bernard Charlot (1999) e na relação da Transversalidade com a Educação de Nilda Alves e Regina Leite Garcia (2004) e justifica-se mediante a necessidade de compreender e compartilhar com a gestão escolar as motivações e os significados dados pelos estudantes à escola.

1 O projeto colaborativo

Mediante a observação da prática da gestora administrativa da escola, percebemos que diariamente ela precisava resolver conflitos envolvendo as crianças e os adolescentes, seja por ações de mau comportamento em horário de aula ou agressões verbais e físicas entre eles. Assim, a gestão e a coordenação escolar expressaram inquietações acerca dessas condutas e sobre a existência de uma não motivação sobre as aprendizagens que os docentes propunham a desenvolver nas salas de aulas.

O nosso projeto colaborativo consistiu na elaboração de um formulário online para compreender os motivos pelos quais os estudantes possuem ou não motivação de ir à escola e de perceber as raízes dos conflitos que ocorrem entre eles. Concordamos com Charlot (2005, p.40) quando ela destaca que “é preciso levar em consideração o sujeito na singularidade de sua história e as atividades que ele realiza - sem esquecer, no entanto, que essa história e essas atividades se desenvolvem em um mundo social, estruturado por processos de dominação”.

Este autor ainda destaca que a motivação é um processo que ocorre no exterior do sujeito, ou seja, alguém ou algo motiva o estudante. Enquanto que a mobilização é um processo interno do aluno, assim, ele se mobiliza por meio de sentidos e significados. Dessa forma, nosso objetivo com essa ação compreende a percepção da mobilização dos estudantes à ação de aprender o que é ensinado na escola, para então pensarmos (nós, estagiárias e a gestão escolar) em ações que visem a motivação dos alunos frente às aprendizagens escolares.

O formulário online intitulado “Qual a importância da minha escola” está dividido em três categorias de análise, conforme descrito na tabela abaixo:

Tabela 1 - Formulário: qual a importância da minha escola.

CATEGORIAS	PERGUNTAS
Categoria A: Identificação do aluno.	<p>1.Seu nome:</p> <p>2.De qual ano você é: 6º, 7º, 8º ou 9º ?</p>
Categoria B: O sentido da escola.	<p>3.Fale um pouco de sua escola.</p> <p>4.O que a escola significa para você?</p> <p>5.Por que você vem à escola? Opções: para estudar, ver os amigos e amigas, por recreação, por que a minha mãe, pai ou outro familiar mandam, por causa da merenda e outros.</p> <p>6.Quais as disciplinas que você mais gosta? Opções: português, matemática, ciências, história, geografia, educação física e outros,</p> <p>7.Por que você gosta dessas disciplinas?</p> <p>8.Você gosta da maneira que os professores estão ensinando? Se não, o que mudaria?</p> <p>9.Qual a profissão que você quer ter quando alcançar a maioridade?</p>
Categoria C: As relações com os conflitos.	<p>10.O que você acha dos conflitos (brigas) que já aconteceram aqui na escola? Opções: bom, ruim, tanto faz.</p> <p>11.Você já esteve envolvido em algum deles? Opções: sim, não, talvez.</p> <p>12.Por quais motivos você acha que esses conflitos (brigas) acontecem?</p> <p>13.Como podemos evitar esses conflitos?</p> <p>14.Como você pode colaborar para fazer da escola que estuda um lugar mais agradável?</p>

Fonte: as autoras desta pesquisa, 2022.

A aplicação deste formulário alcançou 52 (cinquenta e duas) crianças e adolescentes do ensino fundamental II da escola. Deste total, houve um equilíbrio de submissão de respostas entre o 6º, 7º, 8º e 9º, conforme apresenta o gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Divisão das respostas por séries.



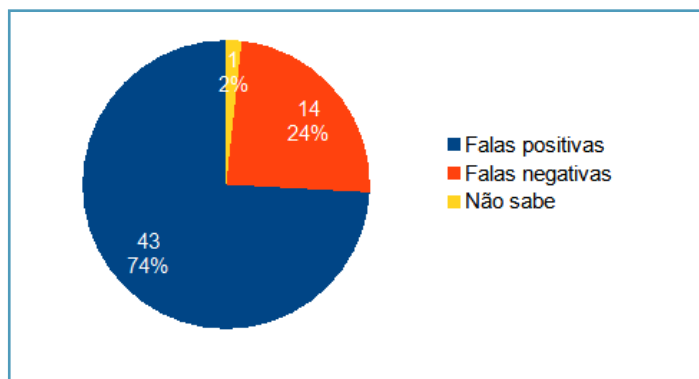
Fonte: as autoras desta pesquisa, 2022.

Conforme aponta o gráfico acima, 30,8% das respostas foram de estudantes do 6º ano, 23,1% foram do 7º ano, 21,2% do 8º ano e 25% do 9º ano. Entretanto, mesmo o 8º sendo a turma que submeteu menos respostas ao formulário, foi a que mais designou adjetivos negativos à escola, sendo a turma escolhida pelas pesquisadoras para a ação colaborativa que será melhor detalhada à frente.

2 O sentido da escola para os estudantes de uma escola pública de Natal

Para compreender a percepção dos estudantes público-alvo desta pesquisa faz-se necessário analisar as respostas submetidas no formulário, articulando-as à observação das práticas cotidianas que tiveram ao longo do estágio supervisionado. Assim, no que se refere ao direcionamento “Fale um pouco de sua escola”, percebemos que a maioria dos estudantes que responderam ao formulário a percebe como um lugar positivo, conforme apresenta o gráfico abaixo:

Gráfico 2 - Respostas ao direcionamento “Fale um pouco de sua escola.”



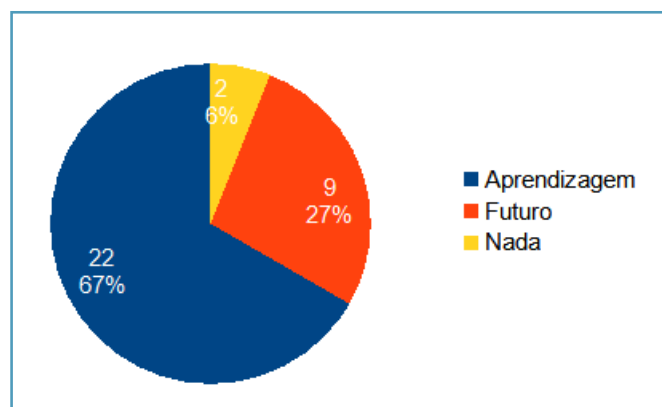
Fonte: as autoras desta pesquisa, 2022.

Assim, percebe-se que 74% dos estudantes da escola pesquisada consideram a escola como um espaço agradável e positivo, enquanto que 24% apontam as lacunas desta instituição e 2% não sabem o que dizer sobre a escola. É válido ressaltar que nas respostas em que uma pessoa escreveu na mesma frase elementos satisfatórios e insatisfatórios, nós a consideramos como uma resposta positiva e negativa, concomitantemente. Seguem algumas falas abstraídas desta pergunta: “Bom, eu acho ela muito legal. O aprendizado é muito fácil e aqui é um lugar até que bem agradável. Gosto bastante daqui!!! Tirando o fato de alguns professores serem bem grosseiros... Mas isso a gente releva.”; “Estudo aqui desde do jardim de infância e gosto muito, aliás nem queria sair desta escola”; “Eu gosto, tem muitas coisas boas, porém é uma escola desorganizada e preconceituosa”; “Ela é bem legal, mas gostaria que tivesse uma sala de informática.”. A partir dessas respostas, percebemos um posicionamento crítico dos estudantes frente às inquietações que possuem, as quais podem ser elementos possíveis para levantarmos hipóteses referentes à motivação ou não motivação destes frente às aprendizagens oferecidas na escola.

No tocante à pergunta supracitada e às poucas respostas descritas acima, é válido que a gestão escolar pense em alternativas que possibilitem que as turmas tenham aulas em todos os horários, evitando que saiam cedo da escola com muita frequência; que pense em solicitações financeiras junto à Secretaria Municipal de Educação para reativar a sala de informática com a finalidade de dinamizar os espaços de aprendizagens e, ainda, a realização de ações que possuam o propósito de reduzir os preconceitos que ocorrem no interior da escola.

Quanto à pergunta sobre a significância da escola para os estudantes, temos os seguintes dados:

Gráfico 3 - Respostas à pergunta: O que a escola significa para você?



Fonte: as autoras desta pesquisa, 2022.

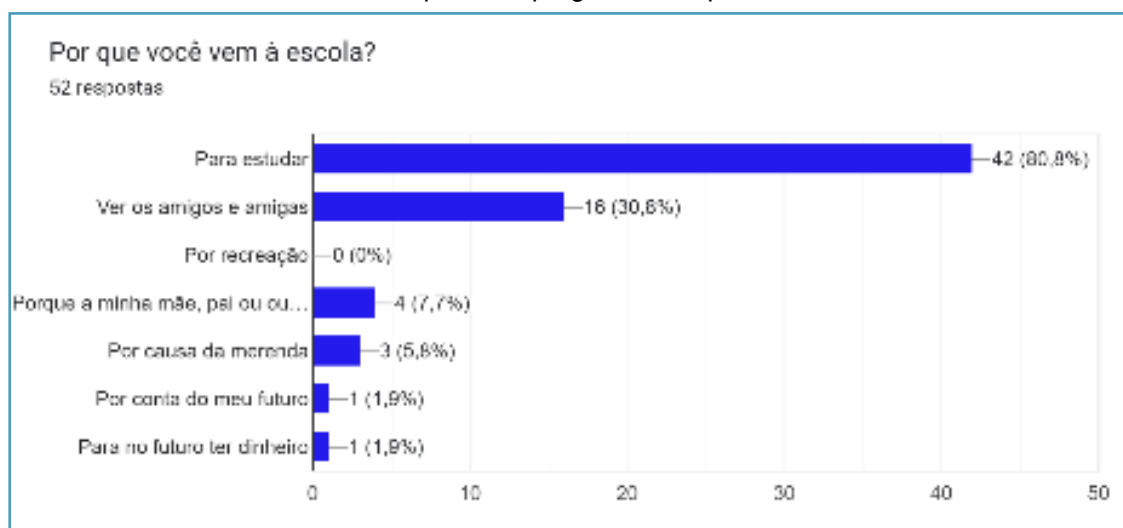
Como é perceptível no gráfico acima, 67% dos estudantes que submeteram respostas a esta pergunta percebem a escola como um lugar de aprendizagens, enquanto que

27% a vê como espaço de preparação para o futuro e ainda, 6% disseram que a escola não significa nada para eles. Dessa maneira, é positivo perceber que a maioria dos estudantes concluem que a essência da escola é promover aprendizagens que contribuirão para a formação integral deles. Mesmo assim, é preciso que a escola esteja atenta aos 27% que percebem a escola de forma equivocada como “passaporte para o futuro”, uma vez que a relação deles com o saber precisa ser ressignificada e não ficar restrita ao aspecto da formação técnica e a busca por diplomas.

Sabendo que a escola é um espaço-tempo de muitas culturas, onde cada indivíduo possui a sua singularidade, é preciso que os profissionais da educação, principalmente os atuantes na rede pública de ensino, possuam um olhar atento e escuta ativa para as relações que os alunos possuem com o saber. Charlot (2005) aborda que existem crianças e adolescentes nas escolas que não sabem o porquê de estarem lá, há outros que estão fisicamente, mas não estão presentes de fato, por isso não podemos deixar de olhar para os 6% de respostas que caracterizam a escola como “nada”, pois nesse caso, podemos levantar a hipótese de que ainda não possuem relação alguma com o saber. Assim, é essencial que as aprendizagens escolares façam/tenham sentido para a vida dos estudantes. Foi pensando nisso que nos propusemos a investigar a percepção de escola dos alunos para que a gestão escolar planeje a realização de práticas pedagógicas que visem promover nos estudantes a relação com o saber.

Acerca das motivações dos estudantes ao irem para a escola, temos os seguintes dados:

Gráfico 4 - Respostas à pergunta: Por que você vem à escola?



Fonte: as autoras desta pesquisa, 2022.

Este gráfico nos mostra de forma superficial que há muitas variáveis que interferem nas motivações dos estudantes ao irem para a escola. Sabemos que há fatores culturais, econômicos, sociais, políticos e outros que corroboram com a permanência ou evasão dos estudantes às escolas brasileiras, sendo necessário que a gestão escolar e os professores possuam a sensibilidade de perceber essas interferências externas à escola e busquem

direcionar a relação destes com o saber. Neste gráfico, percebe-se que 80,8% dos estudantes vão à escola para estudar, o que nos faz problematizar a seguinte questão: se 80,8% dos estudantes que responderam ao formulário vão à escola com o objetivo de construir aprendizagens, porque a violência é elemento desse cotidiano escolar? Sobre essa problemática concordamos com Naiff (2009, p. 10) quando aborda que “a indisciplina precisa ser vista como um movimento de crítica e questionamento à ordem estabelecida, fato que deve gerar reflexão, em vez de provocar, na escola, o silenciamento.” e, quase sempre, essa indisciplina configura-se como um pedido por socorro por espaço para expressão.

É preciso que a escola esteja atenta a não perceber os estudantes descontextualizados de seu espaço-tempo, para não criar a cultura da patologização, isto é, criar a tentativa de explicar as razões da violência na escola em variáveis externas à escola - doenças, incapacidades e classificações que os percebem como seres perigosos (NAIFF, 2009). Assim, pensamos que elementos como o diálogo e a participação coletiva são essenciais para a tentativa de superação da violência no âmbito escolar e que a relação desses estudantes com o saber é um fato que precisa ser problematizado.

Pensamos que este estudo configura-se como um início tímido de investigação referente à relação com o saber desses estudantes, pois não nos apresenta todas as respostas que gostaríamos de ter. Na verdade, estamos com mais interrogações do que afirmações, como: Se 80,8 dos estudantes que responderam ao formulário dizem que vão à escola para estudar e 30,8% vão para ver os amigos, valorizando as relações interpessoais, porque quase todos os dias presenciamos episódios de violência?

Mediante a limitação de estrutura deste artigo não abordaremos na análise dos dados, as respostas dos estudantes no que diz respeito às preferências por disciplinas, as justificativas e opiniões acerca da prática pedagógica dos professores.

3 Ação Colaborativa e a percepção dos estudantes acerca da indisciplina escolar

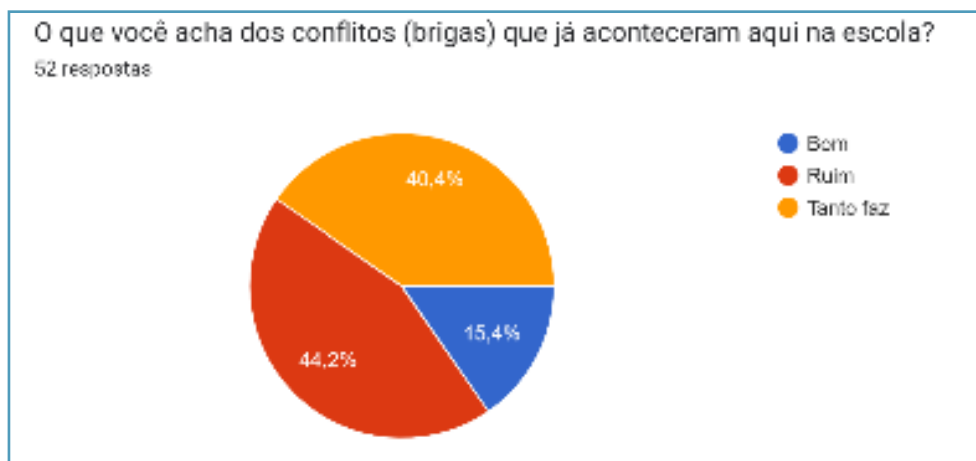
A partir da produção e discussão dos dados do formulário, elaboramos a ação colaborativa na turma que mais designou adjetivos negativos à escola (8º ano) com o objetivo de problematizar com eles o sentido da escola para suas vidas e a relação que possuem com o saber. Charlot (2005, p. 120) aborda que a escola “é, acima de tudo, feita para permitir que os jovens adquiram saberes e competências cognitivas e intelectuais [...] é feita também para desenvolver sentido em suas vidas”, contrariando a percepção de escola que serve apenas para passar de séries/anos, ter um diploma e conseguir um emprego com remuneração digna.

Assim, com o tempo de 1h40min, realizamos um momento de reflexões acerca das definições que eles deram à escola no ato de respostas do formulário, perguntando-lhes se concordavam ou não com o que estavam lendo e o porquê. Em caso de reclamações descritas, do tipo “a escola é preconceituosa” ou “é muito bagunçada e as pessoas brigam mui-

to”, solicitamos que dessem sugestões de superação destas problemáticas. Em seguida, houve um momento de exposição da importância da escola no contexto amplo até o local - a escola deles. Por fim, construímos um cartaz motivacional acerca da não desistência de frequentar a escola.

Nessa socialização inicial com a turma, o diálogo foi elemento fundamental, tendo os estudantes maior espaço para expressar-se, pois concordamos com Charlot (2005) quando destaca que é possível regular a violência e o conflito pela palavra e não devolvendo a violência e/ou o castigo. Concordamos que esses conflitos violentos estão intrinsecamente associados à categoria da relação com o sentido da escola, uma vez que a relação com o saber dos estudantes de toda e qualquer escola influenciará os seus comportamentos dentro e fora das salas de aula, ou seja, se o foco dos estudantes é a agressão física e verbal, as aprendizagens não possuem significado para eles. Logo, é preciso que os profissionais da educação se mobilizem para construir essa relação entre os estudantes e o conhecimento. Vejamos o que diz o gráfico abaixo:

Gráfico 5 - Respostas à pergunta: O que você acha dos conflitos (brigas) que já aconteceram aqui na escola?



Fonte: as autoras desta pesquisa, 2022.

Como se pode perceber, 44,2% dos estudantes que responderam o formulário concordam que os conflitos são negativos, enquanto 40,4% são indiferentes - o que é preocupante, tendo em vista que tais conflitos afetam o bom desenvolvimento da escola e de forma indireta, afetam as aprendizagens até mesmo dos estudantes que não são partícipes dos conflitos, pois enquanto a gestão, a coordenação e os docentes estão focados em resolver problemas de violência ocorridos diariamente, eles deixam de focar em planejamentos e implementação de ações que pensam o bom desenvolvimento e as aprendizagens de todos os estudantes.

Além desse percentual, temos 15,4% que consideram os conflitos como um fator positivo, uma hipótese possível para esse dado é que esses adolescentes tenham normalizado os conflitos por já viverem em ambientes familiares (ou não) em que as brigas e a violência já façam parte do cotidiano. Barbieri, Santos e Avelino (2021, p. 1) dizem que

A hostilidade é comumente estimulada por meio do convívio em ambientes violentos, os alunos absorvem para si a atmosfera ali presente e o único modo que encontram de se expressar é por meio da agressividade, ofensas e humilhações contra os colegas, professores e os funcionários da instituição.

Outra hipótese semelhante e possível é a de que estejam suplicando por voz e vez na escola, e por meio da indisciplina estejam demonstrando insatisfação e questionamento à cultura escolar. Sobre isso, Naiff (2009, p. 115) diz que

Enfrentar as indisciplinas da vida exige dos profissionais da educação uma nova postura, democrática e dialógica, que entenda os alunos não mais como sujeitos subservientes ou como adversários que devem ser vencidos e dominados. O caminho é reconhecer os alunos como possíveis parceiros de uma caminhada política e humana que almeja a construção de uma sociedade mais justa, solidária e feliz.

Não testamos essas hipóteses através de métodos científicos (entrevistas abertas e outros), por isso não podemos dar justificativas às respostas dos estudantes e esse não é nosso objetivo com este trabalho. Temos apenas a pretensão de promover reflexões e problematizações acerca dos comportamentos das crianças e adolescentes de uma determinada escola, relacionando-os com as respostas dadas ao questionário e as bibliografias estudadas.

Quando perguntados sobre o que sugerem para superar esses conflitos, alguns dizem que não há nada a ser feito, outros optam pela violência e outros sugerem a construção de amizades, gentileza e respeito. Sobre a tentativa de superação da violência que ocorre na escola, Charlot (2005) declara que há correlações entre a violência e a relação dos alunos com o saber, uma vez que a escola é social e encontra-se envolvida em relações de dominação e desigualdades. Por isso, enfatizamos a importância do trabalho com a relação do saber dos alunos, sendo preciso que a gestão escolar mobilize ações educativas que envolvam todos os segmentos da escola, com o objetivo de superar a violência no ambiente escolar a partir das nuances das relações com o saber que os estudantes possuem.

Na coleção “O sentido da Escola” (2004), organizada por Nilda Alves e Regina Garcia, há um compilado de contribuições de diversos autores, tais como: Sílvio Gallo, Edgar Morin, Carlos Ferrazo, além das próprias organizadoras. O escritor Sílvio Gallo, quando tratou da temática “Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar”, escreveu que “para pensar problemas híbridos, necessitamos de saberes híbridos, para além dos saberes disciplinares” (ALVES; GARCIA, 2004, p.28). Logo, concluímos que os problemas presentes neste ambiente não podem ser solucionados a partir de uma compartimentalização, colocando a responsabilidade em apenas um segmento escolar achando que por si só conseguirá resolver todos os problemas. Pelo contrário, acreditamos em um trabalho integral, assim como um corpo, composto de vários membros, precisando um dos outros para um bom funcionamento.

De acordo com Alves e Garcia (2004, p.28), o trabalho com a interdisciplinaridade surge “exatamente para possibilitar esse livre trânsito entre os saberes, rompendo com suas fronteiras e buscando respostas para assuntos complexos” como os educacionais, por exemplo. Logo, o trabalho colaborativo entre as diferentes esferas do corpo escolar permitirá que esses adolescentes consigam tomar consciência da importância da escola em suas vidas e dentro da própria comunidade, e, assim, mobilizar também mudanças nos seus comportamentos. Alves e Garcia (2004), ainda ressaltam a importância da participação dos professores no processo de superação da contradição existente entre o saber e a realidade, pois, como visto nas respostas do formulário, os adolescentes possuem percepções muito boas sobre a escola, mas isso não reflete nos comportamentos deles.

4 Diálogo da gestão escolar com os anseios dos estudantes

A gestão é um eixo da estrutura escolar que possui (e deve possuir) um conhecimento acerca do cotidiano da escola, o que nela acontece, tanto situações boas como ruins, não se distanciando assim da realidade e não apenas focada nos assuntos administrativos e burocráticos da instituição. Concordamos com Oliveira et al (2019, n. p) sobre a visão do papel da gestão escolar quando diz que

o gestor escolar possui uma importância fundamental na organização e funcionamento da instituição escolar, em todos os seus aspectos: físico, sociopolítico, relacional, material, financeiro e pedagógico, onde o trabalho deste não se restringe apenas à administração do estabelecimento de ensino, mas a de um agente responsável pela transformação do educando, que vai desde o acompanhamento da aprendizagem até o trabalho de toda a equipe escolar.

Ressaltamos, ainda, o valor pedagógico da gestão escolar na formação e transformação do educando, auxiliando-o assim a construir conhecimentos que elevem a sua visão sobre a importância da instituição em que estuda e corroborando para a formação integral do cidadão.

Compreendemos que a gestão democrática configura-se como um elemento essencial para o bom desenvolvimento da escola e concordamos com Nascimento (2014, n. p) quando aborda que “a escola enquanto instituição social eminentemente educativa tem como objetivo promover a formação do indivíduo, formar cidadãos críticos e desenvolver um trabalho pedagógico-organizacional baseados em uma gestão democrática”. Ainda sobre a gestão democrática, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, Lei nº 9.394/96), em seu artigo 3º inciso VIII, assegura que as instituições públicas de ensino devem gerir conforme o princípio da gestão democrática buscando garantir a participação, autonomia, transparência e o pluralismo em seu trabalho, bem como conduzir o corpo escolar a agir desta forma nas tomadas de decisões (BRASIL, 1996), sendo necessário que esses princípios estejam presentes no interior das escolas para que se construa uma educação humanizadora, ética, que respeite e valorize a diversidade, autônoma, transparente com a

sociedade e, sobretudo, participativa.

Ao apresentarmos a proposta da ação colaborativa à gestão escolar, tivemos apoio e sugestões de aperfeiçoamento, face que compreender as motivações ou não motivações dos estudantes acerca das aprendizagens é uma inquietação da própria gestão. Nesse ínterim, colaboramos com a construção de um formulário online para o Plano de Ação proposto pela gestão e a coordenação escolar, com vistas a compreenderem as concepções, percepções, inquietações e opiniões dos diferentes segmentos escolares acerca do ambiente educativo, da prática pedagógica, ensino e aprendizagem da leitura e escrita, gestão escolar democrática, formação e condição de trabalho dos profissionais da escola, acesso e permanência dos alunos na escola e ambiente físico escolar para a atualização do Projeto Político Pedagógico da escola. Logo, além da comunicação presente no cotidiano, é perceptível a tentativa da gestão e da coordenação pedagógica, por meio desse instrumento, de realizar um trabalho colaborativo e participativo com o objetivo de atender aos anseios dos indivíduos que compõem a escola.

Considerações finais

Segundo Bell Hooks (2017), ouvir é um exercício de reconhecimento e garante que nenhum estudante permaneça invisível. É importante que a gestão escute as crianças e os adolescentes, já que sua forma de gerir é pautada na gestão democrática e um de seus princípios é a participação. Talvez, uma alternativa para a gestão e a coordenação continuarem esta ação que começamos seria realizar momentos de escuta ativa a esses adolescentes, aliada às atividades interdisciplinares entre as áreas do conhecimento para que se retorne aos estudantes o sentimento de pertencimento e importância do ambiente escolar.

Mediante este estudo, percebemos que a escola é vista como um espaço de aprendizagem e de transformação social pela maioria do público-alvo da pesquisa e que a coordenação e a gestão escolar pensam estratégias para atender as necessidades dos estudantes. Pensamos que medidas punitivas, tais como aplicação de advertência e negação de espaço recreativo como a quadra esportiva da escola, configuram-se como um reforço negativo para a indisciplina e são insuficientes para a construção da relação com o saber e a superação da violência na escola. Entretanto, a investigação das causas dessas problemáticas através da escuta ativa e do diálogo, bem como as ações colaborativas e interdisciplinares são fundamentais para o satisfatório desenvolvimento do processo de aprendizagem dos estudantes.

Em resumo, concluímos que a escola não está aquém das desigualdades sociais, pelo contrário, ela é agente de transformação da sociedade e exercerá a sua função social quando a comunidade escolar trabalhar de forma coletiva, fazendo uso dos princípios da gestão democrática. Esta, é necessária no interior de toda e qualquer escola, seja ela pública ou privada, pois os princípios da participação, pluralidade, transparência e autonomia são substanciais para o bom desenvolvimento de todos os indivíduos que participam desta ins-

tituição.

Referências bibliográficas

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. **O sentido da Escola**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 4^o ed, 2004.

BARBIERI, Bianca da Cruz; SANTOS, Naiara Ester dos; AVELINO, Wagner Feitosa. **Violência escolar: uma percepção social**. Revista Educação Pública, v. 21, nº 7, 2 de março de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/7/violencia-escolar-uma-percepcao-social>. Acesso em: 13 de dezembro de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 07 dez. 2022.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o Saber, Formação dos Professores e Globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005. 159 p.

CORAZZA, Sandra Mara. **A formação do professor-pesquisador e a criação pedagógica**. 6^o Encontro de Pesquisa em Arte: Montenegro, RS, 2011, p. 1-9.

HOOKS, Bell. Abraçar a mudança. In: ____ **Ensinando a transgredir**, a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF, Martins Fontes, 2017, p. 51 – 63.

LIMA, T. C. S; MIOTO, R. C. T.; PRÁ, K. R. D. A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 93-104, 2007. Jan./Jun.

NAIFF, Luciene A. M. Indisciplina e violência na escola: reflexões no (do) cotidiano. **Revista Educação Unisinos**, v. 13, n. 2, p. 110-116, 2009. maio/agosto.

NASCIMENTO, Kely-Anee de Oliveira. Fundamentos da Gestão Escolar: **as atribuições profissionais do pedagogo enquanto gestor**. In: Congresso Nacional de Educação. Campina Grande, 2014.

OLIVEIRA, Aparecida Gomes; et al. O papel do gestor na instituição escolar. Instituto de Ciências Integradas - **Revista Científica**. ISSN: 2446-8436. 2019. Disponível em: <http://www.isciweb.com.br/revista/1471-o-papel-do-gestor-da-instituicao-escolar> . Acesso em: 04 de set. de 2022.